

ACESSO AO LIVRO E À LEITURA EM BIBLIOTECAS ESCOLARES – NAVIRAÍ-MS

ACCESS AND READING BOOK IN SCHOOL LIBRARIES- NAVIRAÍ / MS

Karina Lillian Souza e Silva¹Roseli Maria Rosa de Almeida²**Resumo**

No Brasil, bem como em vários países com dificuldades de acesso aos bens culturais, pode-se observar que o acesso à leitura encontra diversas barreiras, marcadas especialmente pela não socialização de condições estruturais dos espaços de leitura. Com base nessa perspectiva, o presente trabalho abordou as práticas de leitura, bem como seu acesso em duas bibliotecas de escolas públicas do município de Naviraí/MS. Investigou, especialmente, o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola como agente de promoção da leitura literária. A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa descritiva e teve como objetivo investigar o acesso ao texto literário por alunos do 4º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram entrevistas, observações e levantamentos dos acervos. A partir da análise dos dados, pode-se considerar que o acesso à leitura literária é limitado por barreiras estruturais e dificuldades no processo de mediação didática.

Palavras-chave: Leitura literária. Acesso. Bibliotecas escolares.

Abstract

In Brazil, similarly to what happens in several other countries with difficulties of access to cultural goods and services, the access to reading has been facing several barriers, especially characterized by the non-socialization of the structural conditions of the reading spaces. Based on that perception, the study addressed the reading practices, as well as the access provided in two public schools libraries in the municipality of Naviraí, MS. The investigation focused especially on the collection of the National School Library Program, as an agent for the promotion of literary reading. The nature of the research was qualitative and descriptive. The objective was to investigate the access to literary texts by pupils of the fourth year of elementary school who attend two public schools. The instruments used were interviews, observations and surveys of the book collections. Based on the data analysis, the access to

¹ A Autora é Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: karina_lillian@hotmail.com

² A Autora é Mestre em Educação e Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Naviraí. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: roselimariarosa@yahoo.com.br

literary reading may be regarded as limited by structural barriers and difficulties in the teaching mediation process.

Key-words: Literary reading. Access. School libraries.

1. Introdução

No Brasil, bem como em vários países com dificuldades de acesso aos bens sociais, como escassa oferta de moradias, falta de serviços de saúde, falta de programas de emprego e falta de opções de linhas de educação, pode-se observar que o acesso à leitura encontra diversas barreiras, marcadas especialmente pela não socialização de condições estruturais de acesso a essa prática. Cabe ressaltar que, assim como os demais bens sociais, a leitura também é direito do indivíduo, contudo nota-se que o acesso a ela é precário e, como já dito, enfrenta muitas barreiras.

É útil destacar que essas interdições estão relacionadas ao analfabetismo em sua essência, mas também ao acesso inadequado à leitura por causa de precárias bibliotecas escolares e públicas, bem como à má distribuição de livrarias e de livros por todo o Brasil, visto que é uma distribuição desigual, restando para as localidades com menor número de habitantes e, por vezes, uma população de baixa renda, uma leitura somente instrumental. Não há apenas precariedade no acesso ao livro e à leitura literária, mas também a outros bens culturais, como a teatro, a cinema, a apresentações culturais, entre outros.

Entende-se que o hábito de ler é muito importante para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo (SOARES, 2008), contudo, há aqueles que só praticam a leitura como forma de informação – uma leitura instrumental. É evidente que isso não deixa de ser o ato de ler, entretanto a leitura literária, que essencialmente se faz por prazer, por lazer, é deixada de lado por muitos, e indicada por poucos. Por outro lado, cabe ressaltar que, em meio a essas situações, desenvolvem-se programas e ações nas esferas educacionais e culturais para sanar os problemas de acesso, como é o caso do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) desenvolvido no ano de 1997 com o intuito de proporcionar a leitura para professores e alunos das escolas públicas cadastradas no Censo Escolar. O acesso é proporcionado através da

distribuição de livros literários, de pesquisa e referência, em todos os níveis da Educação Básica.

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do município de Naviraí, localizado no sul da região Centro-Oeste, no Estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 2013. Para proteger a identidade das escolas pesquisadas, elas são aqui identificadas com nomes fictícios, sendo “Escola Cruzeiro do Sul” e “Escola Coração de Tinta”. Vale ressaltar que ambas as escolas estão localizadas em bairros periféricos de Naviraí.

Cabe destacar que o objetivo geral foi o de investigar o acesso ao texto literário por alunos do 4º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas deste município e os objetivos específicos foram: (i) levantar os principais aspectos do PNBE como ferramenta de promoção para o acesso ao livro; e (ii) identificar o acervo distribuído pelo PNBE; (iii) observar a relação de mediação entre a criança e o livro e verificar como é o contato das crianças com esses acervos em bibliotecas escolares.

Por meio desta pesquisa, buscou-se, então, conhecer mais sobre as questões que envolvem a leitura literária e as condições de seu acesso neste município, bem como reconhecer o PNBE como um agente de promoção à leitura literária. Vale lembrar que esta pesquisa se caracterizou como de natureza qualitativa e descritiva, utilizando-se de entrevistas e de observações para realizar a coleta de dados. Além disso, foi realizado um levantamento das obras que compunham o acervo da sala da coordenação de uma das escolas pesquisadas e também um levantamento das obras arroladas em um livro de registros da outra escola.

2. Acesso às práticas de leitura literária

Entende-se por leitura o ato ou o hábito de ler algo, consistindo em uma habilidade de extrair significado daquilo que se lê (HOUAISS; VILLAR, 2009). Logo, a leitura também pode ser vista como a capacidade de decodificar símbolos escritos ou impressos. Fischer (2006, p. 9) enfatiza que “a leitura sempre foi diferente da escrita”. Ressalta também que a escrita dá preferência ao som, uma vez que este deverá se transformar em símbolos para ser representado. Diferentemente, a leitura, prioriza o significado.

Atualmente, contudo, nota-se que a leitura é algo mais amplo, pois não se leem somente as palavras de um texto, visto que há várias leituras possíveis, como, por exemplo, a leitura de imagens. É de grande relevância ressaltar que “[...] a leitura [...] se dá em diversos espaços sociais, em casa, na rua, no cinema, nas brincadeiras com os amigos” (LEAHY, 2008, p. 199). Dessa forma, a leitura é uma prática com diversos significados e está presente em diferentes espaços. Sendo, então, uma prática multissêmica, o sentido de literário indica literatura, isto é, a arte de escrever textos artísticos, pois, por meio desse tipo de leitura, o sujeito conhece diferentes realidades, levando-o a mundos imaginários e, ao realizar essas façanhas, vivencia prazer, tristeza, alegria e os mais diferentes sentimentos e conhecimentos de mundo. Nota-se que a leitura, além de informar o indivíduo, também o leva a lugares que “seus pés não o podem levar”, ou seja, o leva a imaginar e a criar mundos até então desconhecidos.

Soares (2008) entende a leitura literária como um direito e indica que há uma relação entre a leitura como um bem simbólico e a democracia cultural, uma vez que a leitura democratiza as relações sociais, além de ser condição para uma plena democracia cultural. Contudo, o acesso no Brasil é precário, até mesmo no processo de alfabetização, pois há um “[...] fracasso na alfabetização e no letramento tanto de crianças no processo de escolarização, quanto de jovens e adultos em programas de educação voltados para aqueles a quem foi negado o direito à escolarização”. (SOARES, 2008, p. 21).

Outras barreiras quanto ao acesso estão relacionadas à precariedade de bibliotecas públicas e escolares, como ainda ressalta a mesma Soares:

Este é um país de raras e precárias bibliotecas: raras e precárias **bibliotecas públicas**, raras e precárias **bibliotecas escolares**. [...] os dados estatísticos, se examinados por regiões, ou por Estados, ou por municípios, mostram que, neste caso, não há uma não discriminação significativa: pode-se dizer que há uma não-distribuição equitativa de bibliotecas públicas neste país. O mesmo ocorre com as bibliotecas escolares, também raras e precárias; faltam dados estatísticos, mas não são necessários para que se possa afirmar que também elas são poucas, pouquíssimas, em relação ao número de escolas e ao tamanho da população escolar, mas são poucas, são precárias, sobretudo nas escolas públicas, naquelas que atendem às camadas populares. (SOARES, 2008, p. 21).

Isto mostra que, além de serem precárias, deixam de atender a um número significativo da população, privando-a do acesso à leitura. Cabe lembrar que muitas dessas

bibliotecas apresentam condições precárias no que diz respeito tanto ao acervo quanto à estrutura física e funcional. Quanto ao acervo, ele costuma estar totalmente desatualizado, e, quanto à estrutura, o local da biblioteca costuma ser utilizado como depósito de livros e de vários outros tipos de materiais. Com relação a isso, Klebis (2006, p. 100) enfatiza que o problema vivenciado hoje nas bibliotecas públicas é o “sucateamento”. Além disso, ressalta que “As políticas distributivas conseguiram despejar montanhas de livros nas escolas, por outro, muito pouco ou quase nada se empenharam no sentido de oferecer condições para que os leitores pudessem ter acesso às bibliotecas escolares”.

Outro aspecto relevante está relacionado aos responsáveis pelas bibliotecas, uma vez que, em muitos desses ambientes, não há bibliotecários para mediar o acesso ao livro. Segundo Klebis (2006, p. 100), “[...] não é possível manter-se uma biblioteca ativa sem bibliotecário, ou ao menos sem alguém que esteja disponível para exercer essa função”. E acrescenta: “[...] pela falta de um ‘alguém’ encarregado disso, muitas bibliotecas escolares encontram-se trancadas e inacessíveis [...]”.

Por outro lado, Soares (2008, p. 25) ressalta que “[...] as áreas educacional e cultural têm dado sua contribuição para democratizar a leitura: têm sido desenvolvidas, nas últimas décadas, numerosas ações tanto de facilitação do acesso à leitura quanto de promoção da leitura e de formação do leitor [...]”. Desta maneira, há programas que visam sanar os problemas quanto ao acesso à leitura. São eles: Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); Literatura em Minha Casa; Ciranda dos Livros; Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); entre outros. Entretanto, o presente texto buscará levantar somente os aspectos do PNBE como agente de promoção para o acesso ao livro e à leitura.

Atualmente, o PNBE³ distribui livros em todas as escolas públicas de Educação Básica cadastradas no Censo Escolar. A distribuição das obras literárias tem por finalidade fornecer, a alunos e a professores, leitura variada de textos, promovendo tanto a leitura literária, quanto a leitura como ferramenta para a ampliação de seus conhecimentos, ou seja, a leitura didática. Visa também ao aprimoramento das práticas educativas dos docentes. Cabe destacar que esse Programa é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que

³ Maiores informações sobre o PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola podem ser acessados pelo *site*: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574>.

tem por função a “aquisição e distribuição dos acervos para as escolas”, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), que “[...] é responsável pela definição das diretrizes e seleção dos títulos integrantes dos acervos”. (IGUMA; FERNANDES, 2010, p. 2).

A respeito da leitura na escola, Soares (2011) ressalta que a escolarização das ações, sejam elas no currículo ou na organização da escola, é um ato inevitável. Isto não é diferente com a leitura literária. A respeito disso, Soares (2011, p. 18) também aponta que a escola “[...] escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins – faz dela uma literatura escolarizada”.

Neste contexto, a biblioteca escolar escolariza a literatura desde o seu ambiente – organização do espaço, tempo de acesso ao livro e à leitura, até a escolha do acervo que a compõe. A respeito dessa questão, Klebis (2006, p. 97) relata “[...] o comportamento discreto e taciturno que se espera dos leitores em uma biblioteca, onde devemos caminhar em passos miúdos e manifestarmo-nos por meio de sussurros, é semelhante ao modo como procedemos quando vamos a um velório [...]”. Com relação à escolha do acervo, Soares (2011, p. 23) expõe “[...] quais livros a biblioteca oferece à leitura, que livros exclui ou ‘esconde’, que livros expõe mais abertamente”.

Dessa maneira, fica evidente a *escolarização* da leitura literária dentro da biblioteca escolar, visto que há padrões a seguir, assim como também se devem seguir maneiras corretas de como se comportar (em silêncio, sentado de tal maneira). A biblioteca escolar, como promotora de acesso ao livro, juntamente com a escola, deve realizar ações que aproximem os indivíduos das práticas de leitura literária, visto que é através dessas instâncias que serão oferecidas ao sujeito leituras que o levem a conhecer outras culturas, outros conhecimentos. Assim, é de grande relevância o papel da escola, juntamente com a biblioteca, para a formação de leitores, para a promoção das práticas de leitura, não só instrumentais, mas também a literária. Outro fator importante que Versiani (2003) ressalta é o fato de que o grande desafio de professores e dos bibliotecários é, enquanto mediadores, deixar os leitores serem guiados por valores e por escolhas que os levem a caminhos, instituídos ou não, mas que levem à leitura.

3. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa e descritiva. De acordo com Bogdan e Biklen (1982, p. 47), “[...] a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Além disso, ressaltam que, nesse tipo de pesquisa, os “[...] dados coletados são predominantemente descritivos” (Ibidem, p. 48). Logo, esse modelo de pesquisa visa a uma relação direta do pesquisador com o contexto a ser estudado, bem como as informações colhidas buscam descrever o ambiente pesquisado, as pessoas, os diálogos, as situações que ocorrem no período da pesquisa. Partindo desse pressuposto, a pesquisa foi realizada em duas bibliotecas de escolas públicas do município de Naviraí/MS. Os sujeitos da pesquisa foram: as funcionárias responsáveis pelas bibliotecas (duas) e a coordenadora pedagógica de uma das escolas.

Compete destacar que a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul trabalha nesse ambiente há cerca de dez anos, entretanto é funcionária efetiva do município há cerca de quatorze anos. A princípio desenvolveu suas atividades como inspetora de alunos, contudo, com a extinção desse cargo, ela foi direcionada à biblioteca. É graduada em Letras e, no ano de 2006, participou de um curso oferecido pela prefeitura do município sobre atendimento em biblioteca. Vale lembrar que a responsável pela biblioteca da escola Coração de Tinta está readaptada nessa função e trabalha nesse espaço há cerca de três anos. Tem formação no CEFAM (Magistério) e curso superior em Pedagogia. Ela não informou se frequentara algum curso de formação específica relacionado à biblioteca, sabendo-se apenas que participou de reuniões sobre o assunto. Além da responsável pela biblioteca, nesse ambiente trabalham mais duas professoras readaptadas e uma auxiliar de limpeza, também readaptada.

As observações duraram duas horas, aconteceram em horários alternados, e tiveram as seguintes questões norteadoras: (i) estrutura física e localização da biblioteca; (ii) acesso das crianças aos livros; (iii) equipamentos (mesas de estudos, computadores, televisão, prateleiras de livros, entre outros); (iv) frequência de empréstimos de livros literários por alunos do 4º ano; e (v) mediação didática no espaço da biblioteca. As entrevistas com a coordenadora pedagógica e com as responsáveis pelas bibliotecas foram realizadas analisando os seguintes aspectos: acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (quantidade e títulos); mediação

didática no espaço da biblioteca; contato das crianças com o acervo; e projetos e ações da escola para a formação leitora.

4. Resultados e discussões - Análise dos dados coletados

O Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE tem por objetivo, como já informado acima, promover o acesso ao livro, distribuindo livros literários, de pesquisa e de referência para escolas públicas cadastradas no Censo Escolar. Dessa maneira, com relação ao PNBE, foram questionadas as responsáveis pelas bibliotecas e a coordenadora de uma das escolas: “Qual foi o último ano em que as escolas receberam o acervo do PNBE?”. A responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul respondeu: “Eles mandaram em 2011, e no ano passado, 2012, eles mandaram a última etapa dos livros”. Já a responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta não respondeu a essa pergunta, pois alegou desconhecer o Programa. Logo a coordenadora desta escola respondeu: “Foi em 2012. Em 2012 a gente recebeu o último acervo”. Dessa maneira, questiona-se a importância do PNBE na construção da biblioteca na escola, pois a responsável por este ambiente desconhece a origem de parte do acervo literário que compõe o acervo da biblioteca. Cabe destacar ainda que

A distribuição dos acervos de literatura ocorre da seguinte forma: Nos anos pares são distribuídos livros para as escolas de educação infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares, a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. (BRASIL, 2013).

Assim, há uma conformidade nas palavras da responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul e a coordenadora da Escola Coração de Tinta, uma vez que a distribuição do acervo para as séries iniciais ocorrem nos anos pares, como é o caso do ano de 2012. Com relação à quantidade e quais foram os livros recebidos pelo PNBE no último ano, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul respondeu: “[...] cada coleção, é composta de 50 livros. Numa faixa de 350 a 400 livros que a gente recebe [...]”, isto porque o Programa distribui os livros de forma dividida. Assim, a mesma completou: “Porque mandou

um pouco em 2011 e 2012”. O Programa não distribui apenas livros literários, mas também livros de pesquisa e livros de referência, como já mencionado.

Vale enfatizar que a responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta, assim como na pergunta anterior, também não soube responder à questão, o que, mais uma vez, evidencia a falta de conhecimento sobre o Programa. Entretanto, a coordenadora pedagógica dessa escola respondeu: “[...] na faixa de 150, 140 livros”. Com relação à questão de que livros foram recebidos, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul não respondeu, bem como a responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta. Contudo, a coordenadora pedagógica da Escola Coração de Tinta respondeu essa pergunta dizendo: “[...] literatura infantil, literatura infanto-juvenil [...] clássicos, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho [...] é pra criança ter, vamos dizer assim, uma leitura, deleite. Não dá pra precisar quais foram todas as coleções, assim o nome de todas as coleções”.

A partir disso, nota-se que há uma dificuldade para o conhecimento das obras, uma vez que a relação de livros enviada pelo Programa é diversa, composta por obras ficcionais, por poesias, por fábulas, etc. No *site* do Ministério da Educação há uma descrição das obras, informando que os “[...] acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos” (BRASIL, 2013). Observa-se que o tempo e o espaço da escola não são organizados de forma a permitir o conhecimento do acervo pelos professores, coordenadores e responsáveis pela biblioteca. Convém afirmar que o PNBE:

[...] não permite a participação dos professores no processo de escolha dos livros que compõem os acervos destinados às bibliotecas escolares, tampouco inclui em seu projeto a designação de bibliotecários para as bibliotecas escolares, nem oferece às escolas subsídios para a organização e catalogação dos acervos, ou para a circulação dos livros entre os estudantes. (KLEBIS, 2006, p. 92).

Assim, o Programa visa à aquisição de livros e, de acordo com a fala de Klebis (2006), não envia recursos para a manutenção das bibliotecas escolares e a circulação de seu acervo. Com relação a quem é (são) a (as) pessoa (s) que auxilia (m) na leitura das crianças no espaço da biblioteca, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul respondeu ser ela quem auxilia a leitura. Verificou-se, no entanto, que, no período de observação realizado na

biblioteca, não houve crianças que foram ler livros literários, contudo houve casos de alunos irem à biblioteca fazer ‘consultas em livros didáticos’ e, nesses momentos, quem auxiliou na pesquisa foi a responsável. Então o auxílio está vinculado à consulta de informações e não à leitura literária.

A responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta também respondeu ser ela quem auxilia as crianças, uma vez que está contratada para dois turnos diários de trabalho na escola. Mesmo assim, entretanto, a coordenadora pedagógica dessa escola respondeu não haver uma pessoa para auxiliar as crianças no ambiente da biblioteca e, enfatizou: “Para auxiliar na leitura é o professor, na sala”. Abreu (2001, p. 38) enfatiza que “[...] costuma-se responsabilizar apenas o professor de português pelo ensino da leitura e caracterizar o texto literário como objeto por excelência da atividade de leitura”. Estudos recentes mostram que não compete apenas ao professor auxiliar a leitura, uma vez que a pergunta realizada indicou o auxílio no ambiente da biblioteca e não apenas na sala de aula. Assim, “[...] um espaço bem decorado e um bom acervo [...] não são suficientes para o funcionamento efetivo da biblioteca sem a figura do educador, seja ele professor ou bibliotecário [...] que ajude a desvendar os sentidos guardados nos textos”. (MOLLO; NÓBREGA, 2011, p. 9).

Logo, a prática da leitura também deve ser promovida na biblioteca, pois, sendo ou não professor, esse também é um espaço para a socialização e a democratização dessa prática. Outra pergunta realizada foi sobre como era o contato das crianças com o acervo do PNBE. A responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul respondeu: “[...] quando chegam essas coleções do PNBE, é selecionado aqui na biblioteca, separado, catalogado esses livros, etiquetado, colocado os números de todo o acervo separado”. E acrescentou dizendo que os “livros vão para a sala dos professores, é feita uma exposição dos mesmos para os professores conhecer os livros que chegaram, e, a partir daí, os professores começam a levar para a sala para os alunos conhecerem e fazerem a leitura”.

Por se tratar de entrevistas semiestruturadas, houve a possibilidade de questionar se parte desse acervo foi direcionada à biblioteca. A responsável respondeu que “sim”. Com relação ao contato das crianças com o acervo do PNBE, a responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta disse: “É através de um projeto do coordenador [...] todos têm um dia na semana pra vir à biblioteca para estar em contato com esses livros”.

Além dessa pergunta, foi questionado se os alunos só vão à biblioteca em horários e dias estipulados. A responsável declarou: “Sim, só uma vez por semana. Porque são muitas salas e não tem condições de atender a todos aleatoriamente, quando eles quiserem vir”. A respeito do contato das crianças com o acervo do PNBE, a coordenadora desta escola respondeu: “Ele tem acesso a este acervo quando ele vai pegar o livro lá para trocar e quando é levado para a sala de aula”. Com base nessas respostas, cabia questionar qual era/é o papel da biblioteca na formação de leitores. No ambiente da biblioteca nota-se a desvalorização do espaço, pois, em todas as respostas, fica claro que a leitura dos livros se volta para a casa dos alunos ou para a sala de aula. A respeito disso, Klebis relata:

Enquanto um dos espaços em que se determinam as relações entre leitores e livros, a biblioteca precisa atrair os novos leitores e abrir-se a esses ‘buscadores’ iniciantes, no sentido de recebê-los e encorajá-los à descoberta dos leitores que são eles próprios, bem como das práticas de leitura com as quais mais se identifiquem. A tarefa da biblioteca, portanto, é também um papel de politização de leitores e de práticas de leitura. (KLEBIS, 2006, p. 61-62).

Dessa forma, a biblioteca é um espaço para ler, um lugar que possibilita ir além de leituras para consulta, um lugar de “ler para ler”, como indica Soares (2011, p. 24). Sobre se há critérios de uso quanto aos livros recebidos pelo PNBE, a responsável pela biblioteca da Escola Coração de Tinta relatou: “Não especificamente para esses livros, mas para todos, em geral. [...] assim no geral é só pra incentivar a leitura livre, para desenvolver o gosto pela leitura”. Já a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul expôs: “Sim, o critério que a gente utiliza com os alunos, é que é para eles cuidarem do livro, não rabiscar, não rasgar [...] procurar devolver no prazo certo, estipulado”.

A coordenadora pedagógica da Escola Coração de Tinta respondeu que não há uma excessiva preocupação, pois: “A gente pede cuidado, a gente conversa com os alunos sobre o cuidado que tem que ter com o livro, principalmente porque ele leva pra casa, por conta de levar pra casa é outro espaço que a gente não está lá para olhar e cuidar [...]”. Ela, no entanto, ressaltou que, “[...] se é para estimular à criança a ter prazer na leitura, ele tem que manusear esse livro, para ele manusear esse livro ele tem que ter a liberdade de manusear o livro”. Alegou ser importante o manuseio do livro, pois é através disso que a criança terá vontade de ler, e completou dizendo: “Livro é para ler... não é pra guardar na prateleira, não é verdade?”

Aqui já se percebe a concepção da coordenadora pedagógica de que o livro deve estar acessível ao aluno e a biblioteca não deve ser apenas de guarda dos materiais. Dessa forma, esse aspecto aparece, pelo menos no discurso.

Outra pergunta realizada foi sobre quais eram os encaminhamentos utilizados pela escola (por meio de projetos, professores, coordenação pedagógica) para os alunos irem à biblioteca ler livros literários. Em resposta a essa questão, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul disse: “É como eu te falei do projeto ‘Viajando na Leitura’. Os alunos do quarto ano têm uma caixa separada com os livros apropriados para a série deles [...]”. A coordenadora da Escola Coração de Tinta, quanto a essa mesma questão, respondeu: “Eles não vão à biblioteca para ler os livros [...]. Eles vão pra trocar, só para troca do livro, eles leem em casa [...] o professor leva para a sala de aula também”. A responsável pela biblioteca dessa escola alegou existir um cronograma que cada turma respeita; quando os alunos podem ir à biblioteca pegar e levar os livros para ler em casa. Convém destacar o papel da escola perante as práticas de leitura no ambiente da biblioteca, uma vez que fica clara a inexistência de ações que estimulem as crianças a lerem nesse espaço. A respeito disto, convém relatar que:

Por inúmeras razões, as bibliotecas nas escolas brasileiras estão ainda longe de cumprir sua importantíssima função no sistema educacional. Poucas instituições dispõem dos recursos e da visão necessários (duas condições que nem sempre andam juntas) para manter uma biblioteca digna desse nome. Ainda são poucos os profissionais empenhados em prestar serviços que realmente deem suporte ao aprendizado e à vida cultural da escola. (FRAGOSO, 2011, p. 12).

Dessa maneira, não há possibilidades de se manter uma biblioteca se a escola não a inserir nas atividades cotidianas e na cultura escolar. No questionamento sobre se há a divulgação para os alunos sobre o recebimento de novos livros pelo PNBE, a responsável pela biblioteca Coração de Tinta respondeu: “A gente sempre coloca em uma estante diferente, ‘aqui tem livros novos’ [...]”. Já a coordenadora dessa Escola, sobre esse assunto, relatou: A divulgação de [...] chamar o aluno e mostrar os livros a gente não faz. O que a gente faz é colocar no acervo e, quando ele vai lá pra trocar, a gente fala: aquela prateleira ali tem os livros mais antigos, mas nessa parte aqui tem uns livros mais novos [...].

Com relação a essa questão, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul disse que o assunto é divulgado para os alunos por meio do projeto *Viajando na Leitura*, uma vez que o acervo desse projeto vai à sala de aula. De acordo com Klebis (2006, p. 92), “[...] o PNBE não trata, portanto, de dar fomento à implantação e manutenção das bibliotecas escolares, nem de dinamizar a circulação de seus acervos, como o nome do Programa pode sugerir e conforme se nos apresenta em suas diretrizes”. Logo, se o Programa não promove a divulgação do acervo, a escola, por sua vez, também não apresenta recursos para fazer esse trabalho.

Compete destacar que, no término das entrevistas com a coordenadora da Escola Coração de Tinta e com a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul, foi realizada uma pergunta a respeito de as crianças irem à biblioteca, uma vez que, na Escola Cruzeiro do Sul, os livros são levados à sala de aula pelos professores através do projeto e, na Escola Coração de Tinta, os alunos apenas vão à biblioteca nos dias estipulados pelo cronograma do projeto. Desta maneira, a responsável pela biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul alegou que os alunos vão à biblioteca, sim, pois os livros do projeto são diferentes do acervo da biblioteca.

A coordenadora da Escola Coração de Tinta relatou que, se necessário, por motivos maiores, como, por exemplo, faltas justificáveis no dia da troca e empréstimos de livros, esqueceu de trazer o livro no dia correto; é realizada a troca em outro dia. Além disso, a coordenadora deixa claro, em sua fala, que é necessário ter o cronograma para haver uma organização, para que a responsável “[...] não fique todos os dias trabalhando sempre com a mesma turma [...] então ela perde um pouco o controle”. Outro aspecto, em sua fala, diz respeito às condições da responsável e das outras pessoas que trabalham no ambiente da biblioteca, uma vez que são funcionárias/professoras readaptadas. Dessa forma expôs: “Não podem mais trabalhar na sala de aula, mas ainda conseguem lidar com aluno, então eles lidam com o aluno nessa parte, mas também não pode sobrecarregá-los, porque senão eles vão ficar doentes de novo”.

Através das falas, nota-se que o acesso à biblioteca é restrito não apenas pelo fato de não haver o espaço próprio, mas também por questões estruturais. Além disso, mais uma vez fica evidente o acesso à biblioteca pelas crianças: somente ir para a troca e empréstimos em dias estipulados e realizar consultas. Dessa forma, a biblioteca deixa de ser um ambiente para

a socialização da leitura literária e, como relata Klebis (2006, p. 104), passa a ser um espaço de guarda, afinal, “Por mais que as bibliotecas escolares estejam cheias de livros, textos, periódicos, mapas e afins, de que elas valem sem leitores?”. Dessa forma, e complementando a ideia do autor:

Enquanto as bibliotecas escolares não dispõem de alguém que possa receber os alunos, ajudando-os a navegarem por entre suas estantes, tornando seus acervos acessíveis e circulantes, estimulando o convívio com a cultura e a experimentação das várias possibilidades de leitura; enquanto continuarem trancadas, funcionando como depósitos, sub-utilizadas, decadentes, servindo apenas às traças, elas serão inúteis, assim como é inútil continuar a entulhá-las de livros sem antes cuidar de reverter o quadro grotesco em que se encontram diversas das bibliotecas implantadas nas escolas públicas brasileiras. (KLEBIS, 2006, p. 104).

Sabe-se, pois, que bibliotecas de verdade só se estabelecem por causa dos leitores, mas como garantir leitores? Não basta ter pilhas de livros, se não se dispõe de uma estrutura física e funcional para garantir que esses livros sejam utilizados por leitores em busca do conhecimento. Além disso, é preciso garantir a presença de educadores (bibliotecários e professores) bem como a disponibilidade de livros literários que levem o leitor a percorrer caminhos desconhecidos e a construir a sua autonomia literária.

4.1 Apreciação das Observações

Em ambas escolas pesquisadas, as bibliotecas se localizam na área administrativa e pedagógica e suas construções são de alvenaria. O espaço físico da biblioteca da Escola Cruzeiro do Sul é arejado, com boa iluminação e acessibilidade. Está em bom estado de conservação e limpeza, mesmo com a quantidade numerosa de livros, em sua maior parte didáticos. Com relação às prateleiras, são abertas para o acesso das crianças aos livros. Notou-se que nelas há muitos livros didáticos, de pesquisa, enciclopédias, dicionários, mas livros literários há em menor quantidade. A partir do exposto, com relação à estrutura de uma biblioteca, Parreiras relata que “[...] a biblioteca deve ser agradável, arejada, confortável e segura para as consultas, leituras, pesquisas e empréstimos” (2011, p. 27). Além disso, “[...] os livros devem estar registrados, catalogados, de preferência num programa de computador.

Devem estar dispostos em prateleiras, estantes, mesas, cestas, caixas, com algum critério de separação e identificação pelo usuário”. (PARREIRAS, 2011, p. 27).

Desse modo, para atrair leitores e não leitores à biblioteca é preciso que a sua estrutura física e funcional seja adequada às condições necessárias para o atendimento da demanda. Obviamente, não se trata apenas de apresentar boas condições estruturais e funcionais, mas também deve ser constituída por acervo de qualidade. Vale ressaltar que, nessa Escola Cruzeiro do Sul é desenvolvido um projeto denominado *Viajando com a Leitura*. Trata-se de projeto voltado para o 4º e 5º ano do ensino fundamental e prevê, como sua ação principal, levar, em uma caixa⁴, livros para as salas, caixa na qual as crianças escolhem os livros e levam para casa, leem, e fazem uma atividade relacionada ao conteúdo do livro. Entretanto, até o término do período de observação na escola, esse projeto ainda não estava em execução, pois, de acordo com a coordenadora dessa escola, o conjunto de atividades estava “muito corrido”⁵. A realização de empréstimos é feita mediante o registro num caderno de controle, caderno no qual a responsável empresta o livro e anota. Há casos em que o professor empresta os livros para levar à sala. Nesse caso específico, quem anota e controla o empréstimo é o professor. Infelizmente, contudo, até os dias da observação ainda não havia um caderno de empréstimos do ano 2013, somente o do ano de 2012.

Um aspecto a ser descrito com relação a essa escola é que, até o período de observação, havia livros que ficavam na sala da coordenação da escola. Havia livros em caixas denominadas “caixa de leitura”⁶ e outros, ‘cheirando a novo’, no armário denominado “Clube da Leitura”⁷. Vale questionar: – Por que esses livros não estão na biblioteca? Acredita-se que a resposta a essa pergunta esteja na fala de Mollo e Nóbrega (2011, p. 8):

⁴ Nos dias de observação houve acesso à caixa de livros desse projeto voltada para o 4º ano. É uma caixa grande, e, até o dia observado, nela havia cerca de 120 obras, entre livros literários, revistas, gibis, informativos sobre lixo, revistas científicas para crianças. Dentre essas, somente 20 obras eram do acervo do PNBE, dos anos 2008, 2010, 2011 e 2012.

⁵ Cabe enfatizar que não foi necessário realizar entrevista com a coordenadora dessa escola, contudo a fala em questão foi dita em um primeiro contato com a escola para a realização desta pesquisa.

⁶ As “caixas de leitura” voltadas para 3º ao 5º ano continham cerca de 50 obras, entre livros literários, gibis, folders; apenas 3 obras eram do PNBE. Além disso, na “caixa de leitura – folclore” havia cerca de 30 obras e 2 eram do acervo do PNBE.

⁷ Entre livros paradidáticos e livros literários, cerca de 50 são do rol dos livros distribuídos pelo PNBE.

“[...] problema é que, às vezes, os livros se perdem no caminho entre a diretoria, a sala do coordenador, o almoxarifado; ou são trancados a sete chaves para não serem danificados”.

Outro ponto relevante diz respeito a um período específico de observação, período no qual a responsável pela biblioteca fechou o espaço, alegando ter que cuidar do pátio da escola nos minutos do recreio. Além disso, nesse período, a responsável levou um número de crianças para ‘pensar’ na biblioteca. Com relação a isso, Damke ressalta as práticas equivocadas que a escola tem diante de algumas situações e, assim, relata:

É interessante pensar nos vários projetos que a escola executa para desenvolver o hábito da leitura, nos vários planejamentos dedicados à leitura... Entretanto, nesse cotidiano tumultuado ainda observamos práticas nas quais utilizamos a biblioteca (que deveria ser referência como espaço prioritário de leitura) para punir alunos indisciplinados, deixando-os algum tempo lá para lerem um livro enquanto pensam naquilo que não deveriam ter feito, ou ainda para punir o aluno, como, por exemplo, ler um livro com o objetivo de fazer um resumo, para afastá-lo da aula de Educação Física. (DAMKE, 2013, p. 48).

Vale observar que um questionamento importante é que, ao ‘fechar a biblioteca’ no recreio, impossibilita-se o momento para os alunos irem à biblioteca emprestar, trocar ou ler livros. Convém destacar que, nos períodos observados, não houve casos de crianças indo à biblioteca emprestar ou ler livros, ou apenas fazer consultas em livros didáticos, o que evidencia a fala de Lacerda (2007), de que às camadas populares é reservada uma leitura instrumental.

Com relação à biblioteca da outra escola pesquisada, a Escola Coração de Tinta, seu espaço físico é pequeno, com acessibilidade. A iluminação é baixa, visto que há uma janela, porém fica fechada e tem cortina, restando apenas a iluminação elétrica. O estado de conservação e limpeza é razoável e há um número muito grande de caixas e livros, tornando o ambiente pequeno para as muitas coisas que lá estão colocadas; como a responsável relatou, a biblioteca é um “depósito”. Nesse espaço há prateleiras grandes com livros acessíveis às crianças e prateleiras com livros em uma parede, na qual está escrito *Cantinho da Leitura*. Há livros didáticos, paradidáticos, de pesquisa, enciclopédias, dicionários e livros literários. Além disso, a biblioteca é um espaço utilizado para a entrega de materiais escolares.

Cabe ressaltar que há um projeto na escola denominado *Livro em Minha Casa*, que consiste em, uma vez por semana, em dias específicos, todas as turmas irem à biblioteca

emprestar livros literários, ou seja, a criança tem uma semana para ler e devolver o livro. No caso do 4º ano, o empréstimo e a devolução acontecem na quarta-feira de cada semana. Há uma pasta, tipo fichário de empréstimos, utilizada para anotar os empréstimos e as devoluções, nela constando o nome e a turma de cada aluno.

Outro aspecto observado está relacionado à quantidade de livros que o aluno pode emprestar, uma vez que, em conversa com a responsável pela biblioteca, ela relatou que tem que verificar porque senão o aluno leva mais que um livro para casa. Então, cabe realizar as perguntas: – Por que o aluno não pode levar mais de um livro para casa? – Seria essa uma forma de restringir o acesso a esse bem simbólico, ou apenas precaução, para garantir que os livros não se percam? Klebis (2006) ressalta que, em muitas bibliotecas, há um medo de que os livros possam se perder ou serem danificados. Há, para o autor, uma pretensa “preservação dos acervos”, dificultando assim o acesso à leitura.

Convém ressaltar que, na biblioteca, havia um livro denominado de “Livro de Registro de Literatura”, no qual são registrados alguns dos livros recebidos das editoras e dos Programas. Em seu termo de abertura consta a data do mês de agosto de 2009. Nele constam livros didáticos, em áudio, em braile, em libras, literários e livros de orientação pedagógica, sendo 25 obras do PNBE. Vale destacar que, durante o período de observação nessa biblioteca, notou-se que as crianças não vão nesse espaço para ler ou para realizar consultas, mas vão emprestar e devolver os livros literários e pegar materiais escolares.

Um aspecto importante diz respeito ao profissional que atua nesses ambientes, pois, como se observou nas duas escolas pesquisadas, as responsáveis pelas bibliotecas não têm formação específica para atuar na função. Klebis (2006) revela que o que há, em muitas bibliotecas escolares do país, é o “sucateamento” de funcionários, principalmente em regiões mais carentes. Por fim, outro ponto relevante é que, nos períodos de observação, nas duas bibliotecas pesquisadas, não houve alunos indo à biblioteca ler, pois os que iam, iam apenas para emprestar e ou para devolver livros, ou para fazer consultas em livros didáticos e também para buscar materiais escolares.

5. Considerações Finais

Por meio do trabalho desenvolvido, notou-se que a leitura literária sofre muitas interdições, desde a sua escolarização até ao precário acesso a ela. Identificou-se que essas interdições são devidas a vários fatores tanto estruturais quanto funcionais na escola (sem mencionar aqui fatores familiares ou pessoais). De início, quanto ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), analisando a sua atuação, verifica-se que suas funções se referem à distribuição de livros literários, livros de pesquisa e livros referência para as escolas cadastradas no Censo Escolar, entretanto o Programa não visa viabilizar, diretamente, outras ações para manter as bibliotecas escolares, a circulação do acervo e o incremento da leitura. Além disso, observou-se que há um desconhecimento parcial, por parte de uma das escolas pesquisadas, da existência e atuação do PNBE. Nesse contexto, nota-se que, apesar das políticas de compra de acervos, não há uma dinamização e circulação desse material, seja por falta de condições estruturais e também, e concomitantemente, por falta de formação adequada das pessoas que trabalham nesses espaços, inviabilizando melhorias para que a biblioteca seja agradável e convidativa aos leitores. Vale lembrar que se constatou a catalogação de cerca de 250 obras nas duas escolas, das quais 75 são distribuídas pelo PNBE, mas não foram observados empréstimos desse material.

Outro aspecto relacionado ao precário acesso à leitura literária diz respeito às condições em que se encontram as bibliotecas escolares pesquisadas, uma vez que, em uma delas, a responsável alega que o espaço é um “depósito”. Observou-se que, além de um depósito de livros atrativos às *traças*, as bibliotecas pesquisadas também têm funções diversas daquelas importantes ao seu funcionamento (levar os alunos para “pensar”), como depósito de materiais diversos e espaço para a realocação de funcionários noutras funções escolares. Logo, notou-se a falta de formação específica, readaptação e aproveitamento das responsáveis pelas bibliotecas, visto que, em ambas as bibliotecas, as responsáveis não apresentam formação específica em Biblioteconomia.

Mais um ponto a ser enfatizado está relacionado aos mediadores das práticas de leitura, pois as responsáveis alegam serem elas quem auxilia na leitura, contudo a coordenadora de uma das escolas alega ser o professor na sala de aula. Além disso, os

projetos das escolas pesquisadas estão voltados somente para a leitura literária em casa ou na sala de aula, ficando vazio de leitores/leitura o espaço próprio da biblioteca, uma vez que esse espaço também é lugar de promover as práticas de leitura literária, bem como a sua socialização e democratização. Um ponto interessante a ser ressaltado se refere ao “Clube da Leitura” na sala da coordenação de uma das escolas. De pronto ocorre questionar: – Por que esses livros não estão na biblioteca? Não seria a biblioteca o local mais adequado para eles? Cabe ressaltar que, durante a realização da observação para a coleta de dados, não foram vistos alunos indo à biblioteca ler livros, senão somente para emprestar e ou trocar livros, realizar consultas para atividades diversas e buscar materiais escolares. A partir disso, vale questionar: – Qual é o papel da biblioteca na cultura dessa escola? E logo cabe afirmar que a biblioteca e a escola, como promotoras de acesso à leitura, devem realizar ações que aproximem os sujeitos das práticas de leitura, promovendo não apenas o conhecimento didático, mas o literário e o de mundo. Nessa perspectiva, acredita-se que a escola deve respeitar o tempo e o gosto, e estimular a autonomia leitora do aluno.

Por fim, convém destacar que a pesquisa esteve voltada para o 4º ano do Ensino Fundamental, entretanto, ao observar o ambiente da biblioteca, pode-se visualizar o contexto geral da escola e como é o acesso à leitura literária em várias turmas, não apenas no 4º ano. Nesse contexto, evidenciou-se que há o acesso à leitura literária, contudo é limitado, uma vez que há várias barreiras estruturais e funcionais. Enfim, a pesquisa realizada buscou refletir sobre as atuais práticas de leitura literária em espaços de bibliotecas, bem como apontar possibilidades reflexivas para que se possam formar leitores críticos e autônomos.

Referências

ABREU, M. As variadas formas de ler. In: PAIVA, A.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org.). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Trad. ALVAREZ, M. J.; SANTOS, S. B. dos; BAPTISTA, T. M. Porto: LDA, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=557>. Acesso em: 10 jan. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Apresentação: Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

DAMKE, A. S. O leitor, a biblioteca e a emoção: um (des)encontro com a leitura na cultura escolar. In: ALMEIDA, R. M. R. de (Org.). *Formação de professores em leitura e literatura: experiências com extensão universitária*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

FISCHER, S. R. *História da leitura*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FRAGOSO, G. M. A lei e seus desdobramentos. In: Salto para o Futuro. Biblioteca escolar: que espaço é esse? *Boletim 14*. Ano XXI. TV Escola, out. 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGUMA, A. de O. A.; FERNANDES, C. R. D. Uma reflexão sobre práticas de leitura no acervo do PNBE-2009. 1º CIELLI/4º CELLI – UEM. *Anais...* Maringá-PR, 2010. Disponível em: <http://anais.cielli.com.br/artigos_literarios?ModBusca=autor1&busca=Andreia+de+Oliveira+Alencar+Iguma>. Acesso em: 31 out. 2012.

KLEBIS, C. E. de O. *Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Cmapinas, 2006.

LACERDA, N. Desarmando as armadilhas da exclusão em leitura. Campinas. *Anais do 16º Cole...* 2007. 15 p. Disponível em: <www.alb.com.br/anaisdo16cole>. Acesso em: 2 set. 2011.

LEAHY, C. Relembrando algumas premissas fundamentais. In: PAIVA, Aparecida et al. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte, MG: CEALE; Autêntica, 2008.

MOLLO, G.; NÓBREGA, M. J. Biblioteca escolar: que espaço é esse? In: Salto para o Futuro. Biblioteca escolar: que espaço é esse? *Boletim 14*. Ano XXI. TV Escola, out. 2011.

PARREIRAS, N. O papel da biblioteca na formação do leitor literário. In: Salto para o Futuro. Biblioteca escolar: que espaço é esse? *Boletim 14*. Ano XXI. TV Escola, out. 2011.

PAULINO, G. Letramento literário no contexto da biblioteca escolar. SANTOS, M. A. P. S. (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte, MG: CEALE/Autêntica, 2008.

SOARES, M. B. Leitura e democracia cultural. In: SANTOS, M. A. P. S. (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte, MG: CEALE/Autêntica, 2008.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.) et al. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

VERSIANI, Z. Escolhas literárias e julgamento de valor por leitores jovens. In: Paiva, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G. (Org.) et al. *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte, MG: Autêntica/CEALE/ FAE/ UFMG, 2003.